

TRAVESSIAS NOS JARDINS DAS DELÍCIAS:

MACHADO E EÇA*

ANDREIA AMARAL**

andreiamaral@sapo.pt

O mito das origens do Mundo e do Homem, narrado nos três primeiros capítulos de *Gênesis* tem encontrado amplo tratamento na tradição literária.

Foi também a partir deste ‘material’ que Eça e Machado ‘mitografaram’, utilizando determinados processos e técnicas no tratamento do mito do Éden ou do «Jardim das delícias», variação-paráfrase presente nos contos *Adão e Eva no Paraíso* (1896)¹ e *Adão e Eva* (1885)². Passemos então à análise comparativa dos referidos textos, o que nos permitirá desenhar travessias entre os espaços míticos (re)criados por cada um dos escritores em apreço.

Começemos pelos elementos que fornecem pistas ao leitor, levando-o a criar determinadas expectativas. As manchas gráficas de um e de

* Comunicação apresentada ao IX Congresso Internacional ABRALIC 2004 — Travessias, Porto Alegre, 20 de Julho de 2004. Este texto resultou da reformulação de um outro — «Mitografias na Ficção de Eça e de Machado: “O Jardim Das Delícias” e o Diabo» —, realizado no âmbito do seminário A Literatura Brasileira dos Séculos XIX e XX, orientado pelo Prof. Doutor Arnaldo Saraiva, no Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Literaturas Românicas.

** Membro do Núcleo de Estudos Literários da FLUP.

¹ Eça de Queirós, *Adão e Eva no Paraíso*, in *Almanach Encyclopedico para 1897*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1896, pp. XIX-LV. No presente trabalho, utilizei *Adão e Eva no Paraíso*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2001.

² Machado de Assis, *Adão e Eva* (1 de Março de 1885), in *Gazeta de Notícias*. Publicado posteriormente em *Várias Histórias* (1895). No presente trabalho, utilizei a edição de J. Gledson, *Machado de Assis, Contos / Uma Antologia*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, vol. II.

outro texto apontam, desde logo, para diferentes fôlegos, sendo que o conto queirosiano é mais extenso do que o de Machado.

Outro elemento, talvez o mais importante no que concerne à construção de expectativas do leitor, é o título. Sendo lugar de demarcação de uma fronteira onde se assinala, de forma mais ou menos evidente, a transição do mundo real para o mundo ficcional, o mundo possível, o título constitui-se como uma espécie de “moldura”. Lembremos que, como refere Uspensky, esse mundo possível «tem o seu próprio espaço e tempo, o seu próprio sistema ideológico e os seus próprios padrões de comportamento».³ Os títulos dos contos em causa remetem para as figuras míticas de Adão e de Eva e convocam, de imediato e pelo menos, as coordenadas narrativas do relato do *Gênesis*, criando assim determinadas expectativas no leitor em relação às tradicionais categorias de Personagem, Acção, Espaço, Tempo e Narrador.

Se o leitor esperava encontrar uma espécie de glosa da narrativa genesiaca nos contos de Eça e de Machado, teve de confrontar-se com o estranho *incipit* queirosiano — «Adão, Pai dos Homens, foi criado no dia 28 de Outubro, às duas horas da tarde..» (p. 9) — e com o enigmático anúncio da personagem machadiana Sr. Veloso, o juiz-de-fora: «as cousas no paraíso terrestre passaram-se de modo diferente do que está contado no primeiro livro do Pentateuco, que é apócrifo» (p. 274).

Podemos desde logo constatar que há um desvio em relação ao relato do *Gênesis*: em Eça, pela adição de precisões temporais ao acto da criação, e em Machado, pelo «modo diferente» de contar o mito do paraíso terrestre.

Importa agora ver os diferentes desenvolvimentos que essa demarcação conhece nos contos de que me ocupo. Partirei da tradicional divisão das categorias da narrativa, de modo a facilitar a exposição da análise comparativa que me proponho fazer.

Começemos pelo tratamento simultâneo da diegese, do tempo e do espaço, perspectiva que me parece ser a mais adequada aos textos em apreço. Ao nível da diegese, deparamo-nos logo com ‘formatos’ diferentes. Machado opta por uma estrutura mais complexa, encaixando uma segunda narrativa — a de Adão e Eva — na primeira, que é a do convívio de um grupo de amigos na casa de D. Leonor, «uma senhora de engenho, na

³ B. Uspensky, *A Poetics of Composition. The structure of the artistic text and typology of a compositional form*, Berkeley, University of California Press, 1973. *Apud* Carlos Reis e A. C. M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, 6.ª ed., Coimbra, Almedina, 1998, pp. 199-200.

Bahia, pelos anos de mil setecentos e tantos». Contrariamente, Eça contempla apenas uma história: a do percurso de humanização dos “nossos veneráveis pais”. Todavia, esta história única não deixa de ser o cruzamento de outras histórias.

Os fios que tecem a narrativa queirosiana em questão provêm de diferentes fontes citadas no próprio texto: a obra *Annales Veteris et Novi Testamenti*, de Usserius, a *Bíblia*, os compêndios de antropologia, as tradições, as crónicas, a lenda, os poemas semíticos ou os poetas mesopotâmicos do *Gênesis* e as crónicas de Backum.

A este propósito, importa também referir o episódio da luta entre um ictiossauro e um plesiossauro (pp. 25-26), aliás os últimos ‘exemplares’ das respectivas espécies criadas por Jeová, episódio esse que recupera o do dia 18 de Agosto, Cap. XXX, de *Voyage au Centre de la Terre* (1864), de Jules Verne.

Por outro lado, a presença destes monstros pré-históricos, bem ao gosto dos paleontologistas, nas palavras do narrador do conto queirosiano, assim como de outros elementos estudados pela Paleontologia, como é o caso das amonites (p. 24), comprova a inclusão indirecta das teorias que surgiam no mundo científico de oitocentos e que funcionam como ‘histórias’ na narrativa queirosiana em apreço. São também exemplo disso as ‘histórias’ das descobertas da lança/caça (pp. 42-43) e do fogo (pp. 43-44), ocorridas no Paleolítico, e a descoberta da agricultura, que viria a desencadear a revolução neolítica (p. 49).

Deste modo, podemos concluir que em *Adão e Eva no Paraíso* se entrelaçam duas grandes ‘histórias’ relativas às origens do homem: a doutrina religiosa da Criação e a perspectiva científica da Evolução. Mais do que isso. Estas grandes ‘histórias’ convivem pacificamente no conto de Eça a ponto de se contaminarem mutuamente.

Já o conto de Machado de Assis está projectado numa outra dimensão. A fonte da história de Adão e Eva é o «livro autêntico», que surge em oposição ao livro de *Gênesis*, que é «apócrifo». Por outras palavras, a ‘mitografia’ de Veloso, no plano da diegese, e de Machado, no plano extra-diegese, constrói-se sob o signo da negação:

«Aqui está como as cousas se passaram. Em primeiro lugar, não foi Deus que criou o mundo, foi o Diabo... (...) mas Deus, que lhe leu no pensamento, deixou-lhe as mãos livres, cuidando somente de corrigir ou atenuar a obra.» (*Adão e Eva*, p. 275)

Importa ver agora como é que se processa o desenvolvimento da diegese nos contos em causa.

Os cinco dias de Criação, em que tem lugar a preparação da Terra para receber o Homem, são descritos na sua totalidade por Machado e parcialmente por Eça. Com efeito, neste último há uma omissão dos dias 24 e 25 de Outubro, correspondentes aos segundo e terceiro dias genesíacos. Seguindo a ordem já enunciada no *Gênesis*, Machado de Assis transforma a Criação numa obra 'a quatro mãos', entre Deus e o Diabo (p. 275), enquanto que Eça opta por descrever a Terra que se auto-cria no sentido em que se completa, se abastece e se enfeita «durante os dias genesíacos de 26 e 27», «para acolher condignamente o Predestinado que vinha» (p. 9). O sol desempenha neste processo um papel capital, na medida em que «muito novo, sem sardas, sem rugas, sem falhas na sua cabeceira flamante, envolvera a Terra, durante oito horas, numa contínua e insaciada carícia de calor e luz» (p. 10).

Assistimos deste modo à antropomorfização da Terra, que se enfeita, e do Sol, possuidor de características físicas tipicamente humanas. A Terra e o Sol são ainda elevados à categoria de amantes, imagem esta que se desenha a partir da última sequência do passo anteriormente citado e que se consolida na comparação estabelecida entre o Sol e o noivo dos *Cantares*.

Relativamente à criação do homem, a personagem machadiana conta o seguinte:

- «No sexto dia foi criado o homem, e logo depois a mulher; ambos belos, mas sem alma, que o Tinhoso não podia dar, e só com ruins instintos. Deus infundiu-lhes a alma, com um sopro, e com outro os sentimentos nobres, puros e grandes.» (*Adão e Eva*, pp. 275-276).

Neste passo, podemos observar que o homem é também criado entre Deus e o Diabo, facto que se inscreve na estratégia adoptada por Machado. Esta parceria ainda que com algumas variações, no capítulo IX de *Dom Casmurro* (1900).

O desvio de Eça em relação à criação do homem relatada no *Gênesis* ilustra plenamente a coexistência e a contaminação das duas grandes 'histórias' das origens, referidas anteriormente:

«Então, numa floresta muito cerrada e muito tenebrosa, certo Ser, desprendendo lentamente a garra do galho de árvore onde se empo-leirara toda essa manhã de longos séculos, escorregou pelo tronco comido de hera, pousou as duas patas no solo que o musgo afofava, sobre as duas patas se firmou com esforçada energia, e ficou ereto, (...) e concebeu o deslumbrado pensamento do que era, e verdadeira-

mente foi! Deus, que o amparara, nesse instante o criou. E vivo, da vida superior, descido da inconsciência da árvore, Adão caminhou para o Paraíso.» (*Adão e Eva no Paraíso*, p. 10).

Inicia-se assim o caminho de Adão que o levará a humanizar-se, marcado pela constante luta pela sobrevivência, sendo esta sempre acompanhada de um enorme esforço. Podemos ser tentados a ver, em primeiro lugar no percurso de Adão e depois no caminho dos nossos veneráveis pais, uma ilustração do conceito darwiniano *struggle for life*. Contudo, nesses «tombos modificantes», Adão é amparado por «Alguém» que o levanta. Desta forma, a coexistência e a contaminação das duas grandes 'histórias' das origens é evidente.

Chegado ao Éden, o Adão de Eça revela ainda um «doloroso esforço» quando tenta compreender um «pássaro cinzento, calvo e pensativo» que constrói uma cabana. Repare-se no contraste irónico entre a condição de Adão e o último adjectivo que caracteriza o pássaro.

Por outro lado, o nosso venerável pai queirosiano ainda não dispõe de uma língua *perfecta* que lhe permita atribuir nomes a todos os seres criados, ao contrário do que sucede na mítica narração do *Génesis*, dado que essa língua se encontra ainda na fase primordial de construção. Deste modo e mais uma vez, vemos que a narrativa queirosiana se desvia do registo bíblico, facto que aparece bem marcado na negativa exclamativa presente no seguinte passo:

«A Bíblia, com a sua exageração oriental, cândida e simplista, conta que Adão, logo na sua entrada pelo Éden, distribuiu nomes a todos os animais, e a todas as plantas, muito definitivamente, muito eruditamente, como se compusesse o Léxico da Criação, entre Buffon, já com os seus punhos, e Lineu, já com os seus óculos. Não! eram apenas grunhidos, roncões mais verdadeiramente augustos porque todos eles se plantavam na sua consciência nascente como as toscas raízes dessa Palavra pela qual verdadeiramente se humanou, e foi depois, sobre a terra, tão sublime e tão burlesco.» (*Adão e Eva no Paraíso*, p. 17).

O Adão queirosiano sente-se profundamente atraído e curioso ao observar determinados comportamentos animais, como o bando de aves alcandoradas que pesca e os dois bichos «embarcados num toro de árvore» (p. 22).

Depois, diante daqueles «rolos verdes», metáfora das ondas do mar, que avançavam para ele «numa inchada ameaça», Adão experimenta o

«pavor supremo» e «recua até onde três pinheiros, mortos e sem rama, lhe oferecem o refúgio hereditário» (p. 23).

Segue-se a luta entre o ictiossauro e o plesiossauro. O nosso venerável pai «guincha de vivo horror» (p. 26). No fim do combate pré-histórico, Adão observa o ictiossauro que jaz morto na praia e, depois de mergulhar os dedos numa das feridas do monstro, descobre um sabor novo, o da carne.

Cansado do seu primeiro dia no Éden, Adão adormece e «toda a animalidade do Paraíso» tentará destruir e eliminar da Terra «a força inteligente, destinada a submeter a força bruta» (p. 30). Porém, o sono de Adão é velado por uma entidade sobrenatural — «uma Figura séria e branca» — que mais adiante sabemos tratar-se de um anjo. Este passo constitui, assim, mais um exemplo da coexistência e da contaminação das duas grandes 'histórias' presentes no conto em causa.

Em relação à presença 'em cena' de Adão e de Eva, verificam-se também escolhas diferentes por parte de Eça e de Machado. O Adão queirosiano faz uma boa parte do seu percurso rumo ao «jardim das delícias» sozinho, dado que Eva surge após o sono repousante do nosso venerável pai:

«E, oh maravilha! diante de Adão, e como despegado dele, estava outro Ser a ele semelhante, mas mais esbelto, suavemente coberto dum pêlo mais sedoso, que o contemplava com largos olhos lustrosos e líquidos. (...) Era Eva.... Eras tu, Mãe venerável!» (*Adão e Eva no Paraíso*, p. 31).

Em Machado, podemos verificar que Adão e Eva, a partir do momento em que o seu processo de criação é finalizado por Deus, surgem sempre ou quase sempre juntos e que partilham das mesmas ideias, estando assim em comunhão. Deste modo, podemos dizer que funcionam como uma personagem desdobrada em duas partes complementares: o masculino e o feminino.

Regressemos novamente ao conto de Eça. Adão e Eva, «sempre a tremer, sempre a ganir, sempre a fugir!» (p. 35), deparam-se agora com a fúria da Natureza ao encetarem a vida no «Jardim das Delícias» (p. 37) e isto porque, contrariamente ao que é contado no *Gênesis*, «A terra ainda não era uma obra perfeita: e a Divina Energia, que a andava compondo, incessantemente a emendava» (p. 35).

Repare-se na ironia que a expressão genesíaca «Jardim das Delícias» adquire neste contexto. Para além disso, é nesse mesmo 'jardim' que vemos os nossos veneráveis antepassados a serem torturados pelos ptero-

dáctilos. É então legítimo perguntar «Como sobreviveram nossos Pais, neste Jardim de Delícias?» (p. 41). A resposta que encontramos no conto queirosiano é, no mínimo, irónica: «De certo muito faiscou e trabalhou a espada do anjo que os guardava!» (p. 41). Desta forma, a referida resposta corrobora a estratégia adoptada por Eça de tecer a sua mitografia a partir da coexistência e da contaminação das duas grandes 'histórias' das origens do homem.

Vejamos agora como é descrito o jardim das delícias no conto machadiano, perspectivado por Adão e Eva:

«Nunca até então viram ares tão puros, nem águas tão frescas, nem flores tão lindas e cheirosas, nem o sol tinha para nenhuma outra parte as mesmas torrentes de claridade.» (*Adão e Eva*, p. 276).

O esplêndido *locus amœnus* que caracteriza o paraíso machadiano encontra-se, portanto, no pólo oposto ao do jardim das delícias de Eça.

A este propósito importa ainda referir que as descrições do Éden queirosiano são mais extensas e ricas em pormenores relacionados com a flora, com a fauna, com as condições climatéricas, com a geologia e com a geografia. Recuperam-se assim elementos já referidos no *Génesis*, como o ónix, o «ouro muito bom do país de Hevilath» (p. 9) e o rio. Estes elementos cruzam-se com outros das ciências naturais, em geral, e da paleontologia, em particular. São ainda referidas quatro hipóteses relativas à localização do Éden, num crescendo de ironia:

«Assim vetustíssimas crónicas contam o vetustíssimo Éden, que era nas campinas do Eufrates, talvez na trigueira Ceilão, ou entre os quatro claros rios que hoje regam a Hungria, ou mesmo nestas terras benditas onde a nossa Lisboa aquece a sua velhice ao soalheiro, cansada de proezas e mares.» (*Adão e Eva no Paraíso*, p. 15).

Repare-se que o registo chega a ser paródico, na medida em que se emprega o verbo “ser” à maneira da crónica historiográfica.

Passemos ao episódio da serpente. Na narrativa queirosiana, o mítico animal pertence ao grupo dos «furiosos seres» a quem deve o homem «a sua carreira triunfal», dado que «leva Adão, por amor de Eva, a colher o fruto do Saber». (p. 41)

Vejamos então como Eça reescreve o mítico episódio do pecado original:

«Recordemos, meus irmãos, que nossa Mãe, com aquela adivinhação superior que mais tarde a tornou Profetisa e Sibila, não hesitou, quando a Serpente lhe disse, coleando entre as Rosas: — “Come do fruto do Saber, que os teus olhos se abrirão e serás como os Deuses sabedores!” Adão teria comido a serpente, bocado mais suculento. (...) Eva, porém, com a credulidade sublime que sempre no mundo opera as transformações sublimes, comeu logo a maçã, e a casca, e a pevide.» (*Adão e Eva no Paraíso*, p. 46).

344

Podemos desde logo observar a existência de uma oposição entre Eva e Adão, que visa estabelecer uma hierarquia entre eles. São a «adivinhação superior» e a «credulidade sublime» de Eva que a levam a comer a mítica maçã e a persuadir Adão «a que partilhasse do transcendente pomo» (p. 46). A sábia decisão de Eva é, portanto, hipervalorizada em relação à hipotética atitude animalesca e quase irracional de Adão se este tivesse sido o primeiro a deparar-se com a proposta da serpente.

Deste modo, Eça transforma o episódio genesíaco da tentação numa etapa da conquista da humanização, retirando-lhe toda a carga moral negativa que lhe era inerente. As noções de tentação e de pecado não fazem sentido no texto queirosiano, na medida em que este não se enquadra numa axiologia do Bem e do Mal.

Machado de Assis recupera no seu conto a simbologia que associa a serpente do relato de *Gênesis* à tradicional figura do Diabo, construindo um diálogo entre eles cujo assunto consiste na preparação da trama que conduziria Adão e Eva à queda. Todavia, perante a tentação, Eva não cede, recusando conhecer «a origem das coisas e o enigma da vida», assim como «o resplendor dos tempos» (p. 278). E Adão aproxima-se de Eva, não para comer do mesmo fruto, mas para confirmar a sua resposta. Não podemos deixar de referir aqui as interessantes variações que a figura da serpente conhece no conto machadiano. A sua capacidade de persuasão é ainda maior do que a que é sugerida no *Gênesis*, dado que o seu discurso é precedido pelo acto de comer o fruto «da árvore do bem e do mal» (p. 278). Por outro lado, a serpente, em discurso profético, ou se preferirmos a terminologia de Genette, através da narração anterior⁴, vai enumerar uma série de *exempla* com o propósito de mostrar a Eva o que o fruto lhe reserva:

⁴ G. Genette, *Figures III*, Paris, Seuil, 1972, pp. 231-232.

«Escuta-me, faze o que te digo, e serás legião, fundarás cidades, e chamar-te-ás Cleópatra, Dido, Semíramis; darás heróis do teu ventre, e serás Cornélia; ouvirás a voz do céu, e serás Débora; cantarás e serás Safo. E um dia, se Deus quiser descer à terra, escolherá as tuas entranhas, e chamar-te-ás Maria de Nazaré. Que mais queres tu? Realeza, poesia, divindade, tudo trocas por uma estulta obediência.»
(*Adão e Eva*, p. 278).

Se em Eça verificamos que o desvio em relação ao episódio genesíaco da serpente se dá essencialmente ao nível da interpretação, que é claramente positiva ao encará-lo como uma etapa da conquista da humanização, em Machado podemos observar que se opera uma espécie de peripécia, que se inscreve na estratégia por ele adoptada de recontar a história do *Génesis* 'pela negativa'. Assim, esta estratégia acaba por gorar por completo as expectativas do leitor, criando uma sensação de estranhamento.

Não é menos surpreendente o final da história machadiana de Adão e Eva: «pela repulsa às instigações do Tinhoso», eles são conduzidos pelo arcanjo Gabriel ao paraíso, à «eterna bem-aventurança», ficando a Terra entregue «às obras do Tinhoso» (p. 279).

É interessante notar os efeitos que a conclusão apresentada por Veloso tem nos seus ouvintes, efeitos esses que se estendem do plano diegético ao plano extradiegético em que se posiciona o leitor:

«Tendo acabado de falar, o juiz-de-fora estendeu o prato a D. Leonor para que lhe desse mais doce, enquanto os outros convivas olhavam uns para os outros, embasbacados; em vez de explicação, ouviam uma narração enigmática, ou, pelo menos, sem sentido aparente.»
(*Adão e Eva*, p. 279).

Regressamos assim, no final do conto *Adão e Eva*, à primeira história, facto que confere circularidade à narrativa machadiana. É a curiosidade de Veloso, perante o anúncio de «um certo doce particular», que vai despoletar a discussão sobre o 'género' da curiosidade, que, por sua vez, dá origem a outra discussão: a da responsabilidade da perda do paraíso. A atmosfera da primeira história é também enigmática, na medida em que o enigma das origens do homem encontra paralelo metafórico no do doce. A pergunta relativa às origens dessa «cousa primorosa» fica sem resposta, constituindo-se assim apenas como mera hipótese. O mesmo se passa em relação à contra-narrativa de Veloso, dado que a dúvida de D. Leonor não encontra uma resposta totalmente clara, facto que converte, ou melhor, reconverte, essa narrativa que se dizia autêntica numa hipótese quase improvável:

«— Pensando bem, creio que nada disso aconteceu; mas também, D. Leonor, se tivesse acontecido, não estaríamos aqui saboreando este doce, que está, na verdade, uma cousa primorosa. É ainda aquela sua antiga doceira de Itapagipe?» (*Adão e Eva*, p. 279).

346

Passemos agora ao final da narrativa queirosiana. Depois do nascimento de Abel, estabelece-se um clima de tranquilidade no Paraíso, dado que «O mundo pressente e aceita a supremacia do homem» (p. 50) e o processo de humanização dos nossos veneráveis pais continua: «em breve, dentro dumas centenas de milhares de curtos anos, Eva será Helena e Adão será o imenso Aristóteles» (p. 51).

Podemos sentir a tentação de ler, neste discurso profético ou narração anterior, uma visão otimista da evolução do ser humano. Contudo, o final da narrativa de Eça, que funciona como uma espécie de epílogo, questiona essa mesma concepção: «Mas não sei se vos felicite, oh Pais veneráveis! Outros irmãos vossos ficaram na espessura das árvores — e a sua vida é doce» (p. 51).

Depois de opor ironicamente a felicidade do orangotango ao sofrimento do homem, consequência de «arrastar consigo, irremediavelmente, esse mal incurável que é a sua alma» por não ter tido «a previdência ou a abnegação de declinar a grande supremacia», «no terrível dia de 28 de Outubro», Eça vai estabelecer uma espécie de ponte entre os nossos veneráveis pais e o narrador e o leitor na forma inclusiva da primeira pessoa do plural: «continuemos a reinar sobre a Criação e a ser sublimes» (p. 53). E, num crescendo de ironia, coloca em evidência a profunda incapacidade de compreensão, por parte do ser humano, quer das suas origens, quer da sua condição. Essa incompreensão terá presidido ao tratamento irónico das duas grandes 'histórias' da origem do homem, que se misturam e que se contaminam na narrativa em apreço.

Eça e Machado mitografam a partir do texto matriz, a narrativa do «Jardim das delícias». Eça, sob o signo da ironia, distancia-se das duas grandes 'histórias' que comparecem na feitura da sua 'mitografia'. Machado, sob o signo do enigma, também ele irónico, parodia o discurso genesíaco e depois reconverte essa contra-narrativa em hipótese quase improvável, deixando em aberto a questão das origens do mundo e do homem.

Partindo das conclusões apresentadas, passemos agora ao tratamento da categoria Narração. O narrador queirosiano é heterodiegético e dirige-se a um público — o leitor/espectador, dado o visualismo que caracteriza o conto em apreço — posicionado no plano extradiegético. Porém, o tratamento da voz narrativa em Eça não é tão simples como poderíamos

pensar à primeira vista. Na verdade, a voz única do narrador de *Adão e Eva no Paraíso* entrelaça uma série de *auctoritates*, criando-se assim um efeito de polifonia na instância narrativa queirosiana. Mesmo quando as referidas vozes são convocadas de forma mais ou menos irônica, aproximando-se também em maior ou menor grau do registo paródico, continuam a funcionar como tal.

Quanto à instância narrativa machadiana, verificamos que, embora seja também plural, consegue esse efeito através de outra técnica. O facto de Machado optar por uma arquitectura narrativa mais complexa, na qual uma segunda história se encaixa na primeira, tem obviamente consequências no que diz respeito à voz narrativa. Temos portanto em *Adão e Eva* duas vozes narrativas — a do narrador heterodiegético e a de Veloso, que se constitui como narrador heterodiegético da segunda história — e dois públicos — D. Leonor, Frei Bento, João Barbosa e os restantes amigos, no nível diegético, e o leitor, no plano extradiegético.

Importa aqui destacar um dado pertinente na caracterização de Veloso, narrador heterodiegético da segunda história, que o converte numa verdadeira *auctoritas*. É Frei Bento o responsável pela descrição das qualidades superiores do juiz-de-fora, facto que é fundamental, uma vez que se trata de um representante da comunidade eclesiástica.

Relativamente à categoria Personagem, saliento apenas o contraste existente entre o desenho das figuras de Adão e Eva, resultante aliás das diferentes opções de Eça e de Machado.

Os retratos de Adão e de Eva são bastante mais 'económicos' em Machado do que em Eça. Começemos pelo conto machadiano. Adão e Eva são criaturas belas que andam «altas e direitas como palmeiras» (p. 277) e que, ainda sem a intervenção criadora de Deus, só têm «ruins instintos» (p. 276), ocorrendo depois a mudança:

«Eva, antes que Deus lhe infundisse os bons sentimentos, cogitava de armar um laço a Adão, e Adão tinha ímpetos de espancá-la. Agora, porém, embebiam-se na contemplação um do outro, ou na vista da natureza, que era esplêndida.» (*Adão e Eva*, p. 276).

Verificamos assim e mais uma vez que, em Machado, Adão e Eva funcionam como uma personagem desdobrada em duas, visto que são descritos em conjunto. O mesmo não se observa nos retratos queirosianos de Adão e de Eva.

Tratemos primeiramente de Adão. O seu retrato físico inscreve-se também na estratégia irônica de desvio a que já me referi. Esta aparece claramente marcada pela negativa exclamativa «Não, não era belo, nosso

Pai venerável, nessa tarde de Outono, quando Jeová o ajudou com carinho a descer da sua Árvore!». Vejamos as suas características físicas:

«Era medonho. Um pêlo crespo e luzidio cobria todo o seu grosso, maciço corpo, rareando apenas em torno dos cotovelos, dos joelhos rudes, onde o couro aparecia curtido e da cor de cobre fosco. Do achatado, fugidio crânio, vincado de rugas, rompia uma guedelha rala e ruiva, tufando sobre as orelhas agudas. Entre as rombas queixadas, na fenda enorme dos beiços trombudos, estirados em focinho, as presas reluziam, afiadas rijamente para rasgar a febra e esmigalhar o osso. E sob as arcadas sombriamente fundas, que um felpe hirsuto orlava como um silvado orla o arco duma caverna, os olhos redondos, dum amarelo de âmbar, sem cessar se moviam, tremiam, esgazeados de inquietação e de espanto...» (*Adão e Eva no Paraíso*, p. 11).

Como tivemos a oportunidade de ver, Adão vai-se libertando, através dos «tombos modificantes» (p. 13), da animalidade, no seu caminho para a humanização. O mesmo sucede com Eva, apesar de surgir desenhada com traços de animalidade mais suaves:

«E, oh maravilha!, diante de Adão, e como despegado dele, estava outro Ser a ele semelhante, mas mais esbelto, suavemente coberto dum pêlo mais sedoso, que o contemplava com largos olhos lustrosos e líquidos. Uma coma ruiva, dum ruivo tostado, rolava, em espessas ondas, até às suas ancas arredondadas numa plenitude harmoniosa e fecunda. De entre os braços peludinhos, que cruzara, surdiam, abundantes e gordos, os dois peitos da cor do medronho, com uma penugem crespa orlando o bico, que se enristava, intumescido. E roçando, num roçar lento, num roçar muito doce, os joelhos pelados, todo aquele sedoso e tenro Ser se ofertava com uma submissão pasmada e lasciva. Era Eva... Eras tu, Mãe Venerável!» (*Adão e Eva no Paraíso*, p. 31).

Do ponto de vista psicológico, Eva é dotada de uma «adivinhação superior», como já referi, e revela serenidade nas descobertas/conquistas que vai fazendo com Adão ou sozinha. O mesmo não se verifica em relação a Adão, que é caracterizado como «o bruto Pai» por se irritar com determinados gostos e modos de Eva. O episódio da domesticação do cachorrinho perdido constitui, a este propósito, um bom exemplo (p. 48).

No final do conto queirosiano, é traçado o último retrato de Adão, agora mais humanizado: «A lareira flameja: e alumia a face de nosso Pai, que o esforço da vida embelezou, onde já os beijos se adelgacaram, e a testa se encheu com o lento pensar, e os olhos sossegaram num brilho mais certo» (p. 50). Não deixa de ser curioso que a última descoberta/criação levada a cabo por Adão — a criação artística e estética — ocorra nesta fase (pp. 50-51).

Da análise comparativa levada a cabo, concluo que Machado, sob o signo do enigma, por natureza irónico, parodia o discurso genesíaco, reconvertendo posteriormente essa contra-narrativa em hipótese quase improvável, e acabando, assim, por devolver o mistério ao tema das origens do mundo e do homem. Eça, por seu lado, também sob uma orientação irónica, distancia-se das duas grandes 'histórias' que comparecem e convivem pacificamente na feitura da sua 'mitografia': a doutrina religiosa da Criação e a perspectiva científica da Evolução. Podemos, portanto, dizer que tanto Eça como Machado, apesar de partirem da mesma matriz — a narrativa do *Génesis* — 'mitografaram' de modos diversos, criando assim textos autónomos que se relacionam ao nível da hipertextualidade.